

RESUMOS

Uma Perspectiva Geopolítica: As Invasões Turcas da Europa e a Expansão Portuguesa para a Ásia

Tendo como ponto de partida a chegada da missão jesuíta à China e ao Japão no século XVI, ao mesmo tempo que as dinastias de Habsburgo, na Áustria, e de Avis, em Portugal, defrontavam os turcos otomanos numa batalha mortal pelo controlo do Mediterrâneo, do norte de África e dos Balcãs, tentar-se-á construir um quadro de referência geopolítico da expansão portuguesa para a Ásia durante o século XVI. O enquadramento será alargado à dinastia Qing e às conquistas russas do Turquestão 200 anos mais tarde. A exploração da componente geopolítica da primeira missão ocidental permanente a Pequim poderá alargar as opiniões dos analistas sobre a política externa actual e futura da China em relação à região lusófona, à União Europeia e à Comunidade de Estados Independentes. O trabalho de Peter C. Perdue e a sua análise da expansão da dinastia Qing para a Ásia Central durante este período (*China Marches West: The Qing Conquest of Central Eurasia*, Cambridge, MA, Harvard University Press) poderão ser relevantes. [Autor: Paul B. Spooner, pp. 7-19]

A Questão do Tamanho e o Tamanho da Questão nas Expedições Marítimas da China Durante a Dinastia Ming e de Portugal Durante a Dinastia de Avis. Uma Análise Comparativa da Missão e das Consequências das Frotas de Zheng He e de Vasco da Gama

A frota do tesouro de Zheng He embarcou em sete expedições ao Oceano Ocidental (1405-1433), da Ásia até à África Oriental. A frota era composta por centenas de navios e milhares de soldados, consolidando o prestígio diplomático e militar da grande dinastia Ming (1368-1644) e reintroduzindo o sistema tributário chinês. A missão “diplomática” foi de uma importância crítica para a fundação ou reforço das políticas

e colónias ultramarinas chinesas, e para a luta contra a pirataria e a garantia da segurança no comércio marítimo. No entanto, os novos imperadores decidiram pôr fim às políticas ultramarinas, dando prioridade às questões continentais e criando, assim, um “vazio no oceano” anteriormente ocupado pela presença chinesa. Em pouco tempo, esse vazio foi preenchido pela rede muçulmana árabe-mappila, que controlava a maior parte do comércio marítimo entre África e o Sudeste Asiático. As três expedições de Vasco da Gama (1497-1524), com poucos navios, tiveram missões diferentes, começando por criar uma ligação directa entre a Europa e a Ásia, ultrapassando os comerciantes venezianos e indianos árabe-mappila e apoderando-se de uma vasta parte da rota da seda marítima. Este foi o resultado, na década de 1460, das políticas de saída para o mar e de reconquista estabelecidas pela nova dinastia de Avis (1385-1582), que evitavam conflitos com os vizinhos da península (o reino cristão espanhol e o reino muçulmano). Estabeleceram-se várias colónias ultramarinas, muitas delas em locais anteriormente visitados por Zheng He. A constituição e as consequências destas expedições marítimas são analisadas neste trabalho, escrito por entusiastas chineses e portugueses dos estudos comparativos do Património Chinês/Português, do qual Macau é não só uma consequência directa e, actualmente, a mais brilhante jóia e relíquia reconhecida pela UNESCO, mas também um sinal de que ambas as nações devem preservar a sua amizade, a pesquisa sobre legados marítimos e a promoção de uma vocação marítima em comum.

[Autores: Francisco Vizeu Pinheiro, Denise Lu Dan, Fiona Qi, Fiona Tang, pp. 20-41]

Sultões, Rajás, *Sangaji* e Khimalaha: A Cultura e o Poder nas Ilhas Molucas Segundo as Primeiras Fontes Portuguesas e Espanholas

A abertura do arquipélago das Molucas aos portugueses e espanhóis provocou uma rotura política que deixou vestígios

abundantes nas fontes narrativas e primárias. Para além dos episódios incluídos nas crónicas gerais (de autores como Correia, Castanheda, Barros, Couto e Pinto Pereira), são também avaliadas várias outras histórias centradas especificamente nas Molucas. Referem-se, ainda, autores portugueses como Galvão, Rebelo e um autor anónimo, assim como o espanhol Argensola e o jesuíta italiano Antonio Marta. Apesar de as suas descrições da realidade indígena serem, geralmente, bastante superficiais, servindo propósitos políticos, económicos ou religiosos, alguns autores apresentam uma visão bastante imparcial e não comprometida. Alguns estudos historiográficos contemporâneos que recorrem a esses primeiros materiais são também abordados, salientando-se aqueles (de autores como Abdurachman, Villiers, Thomaz, Andaya, entre outros) que contribuíram para a compreensão da dinâmica da região ao longo do século XVI sob uma perspectiva asiática autêntica, tendo em consideração o forte sentido de hierarquia social e integração de grupo apresentado pelos habitantes nativos das ilhas. Os primeiros observadores europeus – os portugueses e os espanhóis – recorriam, normalmente, a imagens retiradas da estrutura social europeia para descrever a sociedade local. Os chefes (ou *sangaji*), com maior ou menor autonomia em relação aos reis, são descritos como duques ou condes, ocupando o lugar cimeiro de uma aristocracia de sangue que inclui ainda os cavaleiros e valetes, que eram, na realidade, os chefes das aldeias e a elite guerreira, os chamados *khimalaha*. [Autor: Manuel Lobato, pp. 42-59]

Subsídios para o Estudo da Embaixada de Manuel de Saldanha a Pequim (1668-1670): Cartas e Outros Documentos no Historical Archives of Goa

Entre 1667 e 1670 teve lugar uma embaixada a Pequim, enviada pela elite senatorial de Macau, devido à proibição de navegação imposta em 1661

RESUMOS

em sequência dos ataques perpetrados pelas forças do pirata Coxinga. As fontes existentes sobre esta deslocação diplomática são relativamente poucas. Contudo, no Historical Archives of Goa encontra-se um códice, contendo cartas, regimentos, orientações para várias personalidades de Macau, todas elas da lavra directa do embaixador Manuel de Saldanha, que foi secretariado pelo membro de confiança do Leal Senado, Bento Pereira de Faria. Tais documentos assumem um papel muito esclarecedor sobre as diferentes perspectivas em jogo: a da edilidade e dos comerciantes de Macau; a dos jesuítas e a do próprio embaixador. O espólio em questão, composto por 52 documentos, que irá ser alvo de publicação oportuna, fornece uma visão muito interessante da mecânica das relações entre os membros do séquito diplomático e das próprias vicissitudes da embaixada que não contou com a credibilidade do mandarinato de Cantão durante quase dois anos. Espaço temporal onde o desespero em Macau cresceu exponencialmente, buscando uma saída para a situação de rotura em que o estabelecimento se encontrava.

[Autora: Anabela Nunes Monteiro, pp. 60-74]

A Feitoria Portuguesa de Bangucoque: Uma Visão Geral (Século XIX)

O primeiro contacto entre os portugueses e os siameses ocorreu quando Afonso de Albuquerque enviou Duarte Fernandes ao rei do Sião e este, em troca, enviou um dos seus embaixadores a Afonso de Albuquerque, começando, assim, as relações comerciais entre Portugal e o Sião. Desde os primeiros contactos, a possibilidade de obter ajuda militar desempenhou um papel essencial nas relações entre o Sião e as autoridades portuguesas no Oriente que, em troca desta ajuda, procuraram garantir a posição favorável deste reino importante no Sudeste Asiático no que dizia respeito à sua permanência na região. Os comerciantes de Macau não mostraram, inicialmente, interesse algum nos mercados do Sudeste Asiático. Foi

o desenvolvimento de actividades comerciais por parte de comerciantes japoneses e chineses em vários portos dos mercados do arquipélago malaio e no mar da China Meridional que levou ao desenvolvimento do comércio nesta região por parte de Macau. A expansão das acções dos missionários do Padroado Português contribuiu também para que crescesse o interesse comercial na região do Sudeste Asiático por parte dos comerciantes de Macau. Os portugueses foram o primeiro povo europeu a conquistar uma posição segura no Sião, assim como os primeiros a estabelecer aí uma feitoria (entrepósito comercial), sendo que Macau serviu de plataforma entre Portugal e o Reino do Sião. [Autora: Leonor Diaz de Seabra, pp. 75-93]

Ecos e Influências da Primeira República Portuguesa em Macau

A instauração da República em Portugal, em 5 de Outubro de 1910, representando a entrada em vigor de um novo regime, teve grandes repercussões nas vidas dos cidadãos e das instituições em todo o território nacional – Metrópole e Colónias. Sendo as leis da República imperativas, a aplicação das mesmas não pressupunha, em princípio, quaisquer excepções. Em Macau, porém, dadas as distâncias geográficas e culturais e também as especificidades do território, a execução prática dos fundamentos e intenções dessas leis ocorreu diferentemente, no tempo e na substância. As chamadas “Leis Religiosas” foram as que maior impacto tiveram e maior polémica alimentaram. A par desta questão central, encontram-se abordados outros aspectos de manifesto interesse histórico, designadamente, tomadas de posição, movimentações e acções de membros do Poder e de personalidades civis e militares de Macau. A revolta militar havida a 29 de Novembro de 1910 e a aplicação no Território das Leis Religiosas da República foram acontecimentos também muito marcantes e com forte impacto na vida dos macaenses. Neste contexto insere-se ainda a efervescência política vivida então pelo grande vizinho, a China, assunto abordado nos estritos termos em que

contribuiu para a explicitação do ambiente social vigente no Macau dessa época.

[Autor: Fernando Mendonça Fava, pp. 94-104]

Missionários ou Ricos Mercadores? O Comércio da Seda entre o Japão e Macau nos Séculos XVI e XVII

Os missionários foram um dos grupos mais activos no projecto das conquistas ultramarinas, dividindo com os navegantes o papel de protagonistas e garantindo a participação da Igreja no expansionismo português. A sua acção legitimada pelo Padroado integrou-a no projecto expansionista. Actuavam directamente em todas as possessões portuguesas.

As diferentes Ordens concorreram por uma supremacia evangelizadora. No entanto, a Companhia de Jesus teve uma função decisiva nas acções comerciais visto que os seus religiosos, empenhados na evangelização e nas acções catequéticas, diversificaram o seu contacto com o “outro”, interessando-se incisivamente pelas operações mercantis, trocas e intercâmbios culturais e comerciais. Neste estudo é nosso objectivo estudar o comércio levado a cabo pela Companhia de Jesus, sobretudo entre Macau e o Japão. [Autora: Maria de Deus Beites Manso, pp. 105-113]

Aspectos da Missão Jesuíta da Cochinchina (em Terras do Vietname)

Em 1615, uma nova missão foi fundada pela Companhia de Jesus, situada então em terras dominadas pelos Nguyen a que os portugueses chamavam de Cochinchina. Essa missão acabaria por ficar sob a jurisdição do bispado de Malaca. Se a motivação primeira fora dar apoio espiritual aos japoneses cristãos na diáspora, a aprendizagem da língua vietnamita (dita “anamita”) veio dar novas perspectivas aos missionários. De Francisco de Pina (pioneiro na transcrição fonética da referida língua) a João Loureiro (botânico, estudioso da flora da Cochinchina e ilustre académico da Academia das Ciências de Lisboa) decorrem cerca de 200 anos de uma missão que deixou frutos.

ABSTRACTS

Personalidades como Christoforo Borri e Girolamo Mayorica, entre outros jesuítas, deram uma contribuição cultural notável a uma missão que sempre viveu sujeita a condicionais impostos pelo poder local e que sofreu as adversidades conjunturais decorrentes da política internacional. Um olhar retrospectivo sobre o que foi a dedicação, o esforço e os resultados do trabalho dos missionários da Companhia de Jesus é o objectivo que nos propomos. [Autora: Isabel Augusta Tavares Mourão, pp. 114-124]

Interacção entre Historiadores e Diplomatas com o Objectivo Comum de Dar a Conhecer a História entre Portugal e o Sudeste Asiático

O autor coordenou, no âmbito do seu trabalho na Embaixada de Portugal em Banguecoque, um extenso programa de comemoração dos 500 anos de relações luso-tailandesas, que incluiu eventos relacionados com Património e Historiografia. Reconheceu-se a existência de uma boa área em comum entre as necessidades práticas e políticas da Embaixada e o ângulo profissional específico dos historiadores e peritos em Património como uma vantagem clara na tarefa partilhada de dar a conhecer aos diferentes públicos-alvo a realidade da presença histórica de Portugal na Ásia e a sua relação com as culturas locais. Identificaram-se outros países do Sudeste Asiático, também sob a alçada do Embaixador residente em Banguecoque, como um terreno fértil para estes empreendimentos que se reforçam mutuamente entre diplomatas e historiadores. Por isso, o autor propõe o estabelecimento de uma relação mais operacional e voltada para os resultados e considera que tanto a pesquisa historiográfica moderna sobre a presença portuguesa no Vietname, Camboja e Birmânia, assim como o futuro 4.º Centenário da publicação de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, em 2014, constituem uma motivação real para a criação de uma nova abordagem multidisciplinar. [Autor: Jorge Torres Pereira, pp. 125-132]

Pelos Trilhos da História: Imagens da Cultura Chinesa em *A Quinta Essência* de Agustina Bessa-Luís

A obra *A Quinta Essência* de Agustina Bessa Luís, publicada em 1999, possibilita-nos uma labiríntica “viagem temporal” (que abrange quase 400 anos de permanência portuguesa em Macau) na companhia da personagem José Carlos, radicado neste território com o intuito de conhecer a verdadeira “fonte” do espírito chinês. De entre as diversas temáticas que percorrem o romance, centrar-nos-emos num ponto fulcral: o “olhar” de José Carlos perante a cultura chinesa, no modo como é configurado esse “outro” culturalmente distinto e a sua relação com a cultura de origem. Neste contexto, assume particular relevância, como elemento delineador, estruturador da identidade e da alteridade, a inscrição da obra *O Sonho do Pavilhão Vermelho* (datada da segunda metade do século XVIII) de Cao Xueqin, cuja importância como intertexto abordaremos. Em suma, analisaremos os mecanismos utilizados pela personagem, numa fusão entre a fantasia, o delírio e o real, para tentar decifrar a realidade estrangeira e distinta, simultaneamente próxima e distante, através duma fusão de planos e de linhas temporais, onde a História desempenha um papel preponderante. [Autora: Dora Nunes Gago. pp. 133-139]

As Duas Temporadas de Ópera de Macau (1833 e 1865): Um Estudo sobre Músicos Itinerantes e as Ligações Marítimas no Mundo do Século XIX

Macau foi uma colónia portuguesa e, conseqüentemente, a sua cultura musical espelhou as tendências da Europa, em particular as de Portugal. Ao longo do século XIX, Macau adoptou novos estilos musicais a partir de Portugal, como a música filarmónica, por exemplo. Apesar de as influências europeias na cultura musical de Macau terem sido extensamente observadas, a ópera – aqui entendida como um género na música clássica ocidental – recebeu uma atenção escassa para além de algumas breves referências em inquéritos ou notas

de rodapé em estudos de caso sobre outros géneros musicais. Este artigo centra-se em duas temporadas de ópera em Macau, realizadas por companhias itinerantes em 1833 e 1865, e utiliza estes casos para situar Macau e a Ásia no movimento global de músicos e ideias musicais do século XIX. [Autora: Akiko Sugiyama, pp. 140-150]